

O que você fizer e o que “deixar de fazer”



NESTOR SOARES TUPINAMBÁ

é engenheiro, mestre em urbanismo e consultor de transporte

E-mail: nstupinamba@uol.com.br

A nos passados assisti a palestras do budismo Kadampa, vertente do budismo tibetano, em Pinheiros, São Paulo.

E não saiu da minha cabeça algo que a monja (uma simpática médica) dizia que, entendi eu, numa prestação de contas tudo lhe será cobrado: “o que fizer e/ou DEIXAR DE FAZER”!

A parte aqui grifada chamou-me a atenção. Afinal eu, educado dentro do catolicismo, sempre tentei seguir a máxima cristã de não fazer ao próximo o que não faria a mim mesmo. Enfim a primeira parte da regra budista estaria satisfeita. Mas a segunda talvez não! Quantas vezes vi alguém precisando de ajuda, uma informação, algo assim, e eu nada fiz. Fiquei satisfeito com o “tenho pressa, sempre há alguém para ajudar”. Mas continuava com essa “sombra” na cabeça.

Um belo dia, subindo a Rua Manoel da Nóbrega, onde morava, para acessar a Estação Brigadeiro do Metrô que me levava ao trabalho, atrasado, deparei-me com um senhor deficiente visual batendo sua bengala e pedindo ajuda para entrar na estação. Passei rápido pensando que o Metrô tem um corpo de funcionários muito bem treinado para este tipo de ajuda. Mas o senhor continuava a pedir auxílio. E eis que a frase “ou deixar de fazer” bateu na minha cabeça! Era para mim, sem dúvida. Voltei, ofereci ajuda e entramos na estação. Eu irritado pelo atraso ajudando-o a descer a escada. Então ele me pergunta: “o senhor gosta de ópera?”. Disse que sim, que até assistia quando podia.

Então ele solta uma potente voz e canta uma ária de Verdi. Eu mais irritado pensando “era só o que me faltava, atrasado e descendo a escada rolante com o cara cantando ópera!”.

E ele me pediu para ajudá-lo, para fazermos um dueto. De tão convincente, e simpático, acabei cantando, timidamente, mas cantando. Segundos depois meu humor tinha mudado e nós cantávamos e ríamos. Aquilo me impressionou. Que mudança!... Gostei da experiência.

Não demorou muito e, em um dia que saía da Estação Brigadeiro, chegando do trabalho, um calor de mais de 30 graus, lá pelas 19h00, comecei a descer a Rua Manoel da Nóbrega pensando no mergulho na piscina do prédio para me refrescar e tomar o mate

sempre oferecido pelas jovens modelos gaúchas que também frequentavam a piscina. Descia a rua celeremente quando vi um jovem empurrando uma carroça de papelão e entulhos, devagar, suando em bicas em um grande esforço. “O que deixar de fazer” soou na cabeça, atravessei a rua e, sem nada dizer, agarrei o suporte e fiz força também. Ele olhou-me espantado, parou e perguntou: “o senhor atravessou a rua para me ajudar a tocar a carroça?”. Sim, disse eu. Espantado ele disse: “ganhei o dia, as pessoas normalmente me xingam e reclamam de que atrapalho os carros, mas o senhor atravessou a rua e veio me ajudar! Não sei o que dizer...”. E olhava para mim sensibilizado. Empurramos até chegarmos ao terreno plano, já perto da Avenida Paulista. Despedi-me e ele parado me olhando.

Embora lembrasse a citação bíblica de ao dar uma esmola com a mão esquerda a direita não pode saber, eu sentia-me um potente samaritano. Por mais que me censurasse saía exultante da experiência. E virei um “procurador” de carroças de papelão e similares. E repeti a experiência várias vezes. Apenas uma vez não deu certo.

Descia a escada do Metrô Consolação e na plataforma um cadeirante, um senhor forte e com uma camiseta do Mackenzie vinha até a escada rolante e voltava, vinha e voltava. Quando acabei de descer perguntei-lhe: “precisa de ajuda?”. Ele respondeu-me em voz alta: “eu lhe pedi alguma coisa? Eu falei com o senhor?”. Sai rápido, mas considerando uma lição no meu ímpeto “auxiliatório”, talvez um pouco inflado. Aí um rapaz alcançou-me, um office-boy enorme, e me perguntou: “tio, o senhor ofereceu ajuda e ele lhe respondeu daquele jeito?”. Respondi que sim e o rapaz falou: “então vamos lá que vou derrubar o cara da cadeira”. Claro que neguei este tipo de ação, mas saí rindo. Enfim nada a se queixar de minhas ajudas do “deixar de fazer”.

E termino este relato, talvez chato, mas uma parte da minha história. Caso algum leitor, entre os poucos que devo ter, fizer a pergunta a si mesmo, ficarei muito feliz!

Não só o que fazemos, mas também o que deixamos de fazer será levado em conta. Prepare-se! 